

## Literatura Portuguesa, essa Estrangeira, Continua entre Nós

---

RESUMO: Neste artigo apresentamos um panorama do ensino de literatura portuguesa no Brasil, traçando um breve histórico, além de descrever a legislação atual e a realidade do ensino literário no país. Em relação ao ensino da literatura brasileira em Portugal, observamos brevemente alguns fatos e procedimentos, indicando-se diferenças visíveis. Referimos ainda projetos e atividades para divulgação de escritores portugueses entre os leitores brasileiros. Destacamos a atuação dos professores brasileiros de literatura portuguesa visando contribuir para um pensamento multicultural em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de literatura portuguesa no Brasil; ensino de literatura brasileira em Portugal; formação de leitores; multiculturalidade; língua portuguesa.

ABSTRACT: In this article, we present an overview of the teaching of Portuguese literature in Brazil, outlining a brief history and describing the current legislation and reality of literature teaching in the country. Regarding the teaching of Brazilian literature in Portugal, we briefly observe some facts and procedures, indicating visible differences. We also report projects and activities for the dissemination of Portuguese writers among Brazilian readers. We highlight the performance of Brazilian teachers of Portuguese literature aiming at contributing to a multicultural thinking in Portuguese.

KEYWORDS: Portuguese literature teaching in Brazil; Brazilian literature teaching in Portugal; formation of readers; multiculturality; Portuguese language.

---

*“Cum saber só de experiências feito” (Lusíadas, IV, 94)*

### 1. A Realidade Brasileira

Em 2017, ratificou-se, no Brasil, um conjunto de mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual estava sendo elaborada desde 2015 para aplicação no ensino

básico e médio do país.<sup>1</sup> No período de consulta pública sobre a proposta do Ministério de Educação e Cultura (MEC), muitas discussões foram travadas, inclusive sobre a área nomeada “Linguagens e suas Tecnologias,” e especialmente sobre o lugar destinado aos estudos literários. Naquele momento de consulta, um dos pontos observados, para além da diluição do estudo literário na disciplina de língua portuguesa, foi a ausência da literatura portuguesa na versão então apresentada, em prol da ênfase nas literaturas brasileira, indígena e afro-brasileira. A participação pública foi muito forte, com sugestões e questionamentos sobre todas as áreas de ensino, com mais de 12 milhões de contribuições para sua revisão.

A versão final homologada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com a inclusão da etapa do Ensino Médio está vigente há cinco anos,<sup>2</sup> figurando-se como “um documento completo e contemporâneo, que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro” (2017-2018, 5). Da leitura que agora podemos fazer, constatamos que a área de Linguagens valoriza o texto em suas múltiplas práticas, mas a Literatura, como uma manifestação artística, é considerada na sua generalidade – “texto literário” –, um exemplo de textualidade presente na sala de aula de língua portuguesa. Para o ensino médio, indica-se o ensino de literatura brasileira e, de forma apenas lateral, há referência à literatura portuguesa (citada somente duas vezes). Seja uma ou outra, há pouquíssimas ocorrências num documento de 600 páginas. Fala-se “da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente” (2017-2018, 75).

O modo demasiado econômico como a literatura portuguesa é referida nesse documento reflete, do ponto de vista daqueles que determinam as diretrizes curriculares, seu lugar lateral nos estudos literários para a formação de jovens leitores brasileiros. Quando citada, é apenas considerada como “literatura da tradição” ou “cânone.” Na progressão de competências e habilidades, o documento indica “a inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana” (2017-2018, 500).

Esse breve exame da BNCC expõe duas questões importantes no ensino brasileiro, em geral: 1. indica-se o ensino generalizante da literatura, o que, na prática

quotidiana, com tantas dificuldades reais na escola pública, acaba significando sua ausência em sala de aula; 2. no caso da literatura portuguesa, a ausência é ainda maior, limitando-se a ser apenas uma referência estrangeira para estudar a formação da literatura brasileira. Isso se comprova com o testemunho de professores de ensino básico e médio que atuam em diferentes estados do Brasil e que foram consultados de forma informal no momento de redação desta reflexão (2022), como mostraremos adiante.

O fato é que o ensino de literatura na escola pública brasileira, desde os anos 80 do século XX, tem sofrido, por várias razões,<sup>3</sup> reduções e deslocamentos na grade curricular. As escolas privadas apresentam, por vezes, uma outra realidade, mas o enfraquecimento geral do estudo literário atravessa o ensino público e particular. Em relação à presença de autores portugueses, essa situação é ainda mais frágil e dependente de escolhas pessoais de professores, sem haver um projeto nacional consistente sobre o valor de fomentar uma cultura literária de língua portuguesa, discutindo sua diversidade, trocas, semelhanças e diferenças.

A propósito da cultura africana, houve a aprovação em 2003 da lei n.º 10.639/03 sobre ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, que visa recuperar um erro histórico de menosprezo à africanidade no Brasil. Nesse sentido, atualmente, há mais atenção a esse campo de estudo, sobretudo na universidade, considerando diversas questões culturais brasileiras e sua ligação histórica com diferentes povos africanos, já que a população do país, em sua grande maioria, tem relações de sangue com um passado de escravidão. Mesmo assim, como veremos, muito pouco se lê a respeito nos ensinamentos fundamental e médio. Por isso, não espanta que o conhecimento sobre a literatura portuguesa (pouco presente) seja ainda menor, e apenas citada no contexto de formação e autonomia da literatura brasileira.

Contudo, claro está que o analista, ao observar qualquer aspecto da realidade brasileira,<sup>4</sup> precisa ter o cuidado de não ignorar a sua diversidade interna. Se o sistema educacional segue normas e programas de nível federal, o que acarreta princípios e legislação geral aplicados a todo o país, a execução se modifica de acordo com cada contexto geográfico, cultural e econômico, com base em planos, projetos e procedimentos estaduais e municipais de educação. Em cada estado e mesmo em cada cidade, o cumprimento de currículos e programas educacionais será diferente de acordo com a capacidade financeira da administração local e o interesse político de investimento na educação pública. A situação específica dos estudos literários no ensino brasileiro, portanto, é uma questão

entre inúmeras outras de feição mais preocupante, como sabemos. Mas é essa situação que provoca esta reflexão.

No caso da leitura de autores portugueses pelos alunos brasileiros, na faixa de 11 a 18 anos, podemos dizer, sem muito erro, que só ocorre no ensino médio, ou seja, quando há a disciplina de literatura brasileira (três últimos anos) e, mesmo assim, de forma apenas propedêutica para compreender a constituição da literatura brasileira em seu período colonial, do século XVI ao XVIII. Destaca-se a Carta de Pero Vaz de Caminha, o Classicismo (Camões) e o Arcadismo (a diferença dos árcades brasileiros em relação à literatura neoclássica da metrópole). O lirismo trovadoresco é apresentado aos alunos para contextualizar um pouco uma época portuguesa (séculos XIII e XIV) antes do achamento do Brasil, em 22 de abril de 1500. O mundo medieval sempre chama alguma atenção dos jovens, ainda mais quando relacionado a séries filmicas que vêm explorando esse filão e que os alunos acompanham com interesse.

Em alguns estados brasileiros, essa iniciação literária faz parte do currículo obrigatório; em outros, não há essa obrigatoriedade. Aliás, dependendo do estado ou da cidade (e seus sistemas curriculares), a literatura pode ser disciplina existente ou não. Em escolas públicas, há maiores problemas de ensino de acordo com a situação social do alunado; em determinadas escolas privadas renomadas, há outra valorização de certas disciplinas e conteúdos. Claro que há leis específicas, cargas horárias obrigatórias, currículo mínimo, mas a literatura acaba sendo, cada vez mais, um apêndice da disciplina de língua portuguesa.

No Rio de Janeiro, cidade-vitrine do Brasil, a situação, infelizmente, não é nada otimista em relação ao ensino literário. A disciplina é conteúdo optativo, sem relevância no currículo básico e médio. Existe nominalmente, mas, muitas vezes, está relegada a um lugar mais do que secundário no plano curricular de cada escola. Assim, nesse quadro, a situação da literatura portuguesa, essa *literatura estrangeira*, é de quase ausência. Ainda que alguns autores possam ser citados (Fernando Pessoa é quase brasileiro), não há a motivação de se trabalhar com diferentes literaturas de língua portuguesa num equilibrado diálogo de culturas e percepções diferentes de mundo. Exceções naturalmente surgem em decorrência da formação do próprio professor e de seu interesse por esses autores ou não, por ter qualificação de pós-graduação (especialização ou mestrado ou doutorado) em estudos de literaturas de língua portuguesa. Mas são projetos particulares, não uma proposta sistematizada e coordenada pelas Secretarias de Educação.

Para testar tal panorama aqui descrito de forma geral, consultamos informalmente, com perguntas e respostas *online*, diversos professores e professoras de ensino fundamental, médio e universitário, que atuam em diferentes estados brasileiros. Para isso, contamos com a colaboração de colegas de diferentes universidades e de seus alunos de pós-graduação em letras, professores do ensino básico e médio. A eles, enviamos perguntas simples: 1. No seu estado, no ensino fundamental e médio, estuda-se literatura? 2. É trabalhado algum conteúdo de literatura portuguesa e de literaturas africanas de língua portuguesa? 3. Na universidade, a literatura portuguesa é disciplina optativa ou obrigatória? 4. Na grade universitária dos cursos de letras, quantas disciplinas de literatura portuguesa são obrigatórias? Tal consulta informal recebeu muitas respostas que se assemelhavam em alguns pontos.<sup>5</sup>

Podemos assim convergir para as seguintes respostas:

- a. a literatura consta no currículo do ensino médio como uma possibilidade de abordagem no âmbito do ensino de língua portuguesa, mas cada vez mais em posição lateral;
- b. quando se trata de autores portugueses, fala-se um pouco do trovadorismo, de Camões e de Pessoa;
- c. as literaturas africanas de língua portuguesa são, na verdade, muito pouco referidas. No máximo, apenas em efemérides sobre o fim da escravatura no Brasil com a celebração da Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, o último Imperador do Brasil, em 13 de maio de 1889, e o Dia de Zumbi<sup>6</sup> e da Consciência Negra (20 de novembro), quando atividades pedagógicas específicas são organizadas;
- d. na universidade, nos cursos de letras, especialmente na licenciatura de português e suas literaturas, a literatura portuguesa é disciplina oferecida, geralmente como obrigatória, mas com cargas horárias variáveis de somente duas disciplinas a cerca de seis na grade curricular total.

Como exemplo das respostas enviadas sem identificação nominal, destacamos:

PI. O estudo de literatura no estado do Rio de Janeiro fica a cargo das propostas curriculares municipais que direcionam o ensino fundamental 2 e do currículo mínimo estadual que direciona o ensino médio. No entanto, no ensino fundamental, a carga horária maior é de Língua Portuguesa e é proposta a leitura e a interpretação de textos literários em aula que dialoguem

com os estudos de língua e a ampliem. Dessa forma, a aula acaba se concentrando mais em conteúdos gramaticais e interpretação textual. O estudo da literatura portuguesa não é exigido e o das literaturas africanas é lembrado, na maioria das vezes, somente perto do dia da Consciência Negra com objetivo de expor trabalhos dos alunos. Já no ensino médio, embora a aula de língua portuguesa e literatura seja integrada, existe uma abertura maior para o ensino de literatura e fruição do texto literário. O estudo sobre escolas literárias, autores e análises de obras é ressaltado no currículo, mas fica a cargo de cada professor como ministrar conteúdos de Língua e Literatura, o que por vezes gera problemas, já que alguns professores focam apenas no ensino da língua portuguesa. No que se refere às aulas de literatura portuguesa e literaturas africanas, elas figuram no conteúdo programático, assim como as de literaturas indígenas (garantidas pela lei 11.645 de 2008, artigo 26A, parágrafos 1 e 2). Contudo, muitos alunos e professores resistem a estudar tal conteúdo afirmando “não ter tanta importância” ou “não serem tão prazerosos.” Nos dois segmentos, o espaço para a experiência literária é pequeno, já que são obrigatórias provas, trabalhos, atividades, feiras literárias e exames diagnósticos feitos pelas secretarias de educação. Cabe muitas vezes ao professor reverter sistemas e discursos instaurados para oportunizar ao aluno o tempo e espaço para a experiência literária.

P2. Literatura portuguesa já teve uma abordagem mais detalhada e era obrigatória no ensino médio (iniciando com a literatura medieval, passando pelo Classicismo português, chegando aos estudos paralelos das demais escolas literárias comuns aos dois países a partir do Barroco). Hoje já não há obrigatoriedade, estando, inclusive, ausente em livros didáticos mais recentes. Temos apenas menções aos grandes escritores e estudo de textos (fragmentados), como Camões, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz...

P3. Literatura portuguesa não é obrigatória no currículo, alguns livros nem trazem o conteúdo. Porém, o professor pode inserir em seu planejamento se quiser. A coleção da editora Moderna, adotada pela minha escola este ano, traz um capítulo chamado “A Herança Portuguesa” antes do Quinhentismo no Brasil, com o Trovadorismo, Humanismo e Classicismo, apresentando obras fragmentadas de Camões, Gil Vicente e cantigas medievais.

P4. As literaturas africanas são obrigatórias, mas os livros didáticos não trazem nada substancial, apenas fragmentos de um ou dois autores. As bibliotecas das escolas onde trabalhei e na qual estou hoje também não têm quase nenhuma obra de literatura africana. O livro didático que estamos trabalhando apresenta dois contos, um do autor Ondjaki; outro, do Agualusa; e um poema do Craveirinha. Sendo este um livro didático em volume único para os três anos do Ensino Médio.

P5. No ensino básico, nas escolas em que trabalhei, já vi lendas e contos africanos de maneira geral (fazemos a leitura e a interpretação, e exercícios com questões gramaticais); literatura portuguesa só os escritores mais conhecidos (Camões e Pessoa). Às vezes, Eça de Queiroz.

P6. No Ensino Básico, a Literatura vem incluída no livro didático de língua portuguesa por meio de alguns poemas de Camões, Fernando Pessoa.

P7. Aqui no Instituto Federal do Maranhão, seguimos a ementa de cada campus. A maioria inclui literatura portuguesa, porém os livros novos não a trazem na forma sistemática de História da Literatura, trazem somente textos soltos de acordo com o gênero textual ou o tema do capítulo.

P8. Na escola em que trabalhei, no ensino médio, o material vinha como "Literatura." O grosso do conteúdo era sobre literatura brasileira, com alguns capítulos reservados a autores portugueses (Eça e Fernando Pessoa, por exemplo) e a poucos africanos.

Como podemos ratificar por algumas respostas dadas, a disciplina de Literatura Portuguesa, nos cursos de letras, está presente na grade curricular geral, mas cada instituição tem a liberdade de compor seu currículo, de acordo com cargas horárias estipuladas por normas e portarias federais, distribuindo-as como for melhor para a composição curricular ou tornando essa disciplina apenas optativa. A situação em relação a isso é muito variada pelos diversos espaços brasileiros. Entretanto, no caso específico de literatura portuguesa, é certo que continuamos a formar professores para atuação no ensino superior, considerando a formação em letras, especialmente nos cursos de licenciatura em literaturas de língua portuguesa. No ensino médio, alguns textos portugueses são estudados, visando preparação para as provas de ingresso no ensino superior.

Devemos assinalar que existe, entre nós, a Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP),<sup>7</sup> criada em 1966, a qual organiza sistematicamente congressos internacionais e encontros regionais, com publicações sobre essa literatura, em diálogo comparativo com a brasileira e as literaturas africanas em português. Na maior parte dos cursos de letras, na pós-graduação, há cursos de literatura portuguesa, com o desenvolvimento de dissertações de mestrado ou teses de doutorado. A pesquisa, portanto, nessa área continua muito viva, com a publicação recorrente de dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros ensaísticos, capítulos e artigos em periódicos acadêmicos, porém o mercado de trabalho, no Brasil, para o pesquisador/professor de literatura portuguesa é cada vez mais restrito e, em certos locais, inexistente, o que, naturalmente, desestimula os jovens universitários.

A criação de mais universidades no Brasil pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), no período de 2003 a 2016, possibilitou mais vagas para essa área. Porém, com o governo vigente de 2018 a 2022, a situação mudou bastante, com poucos concursos específicos e a progressiva diminuição de verbas orçamentárias, o que prejudica sobremaneira os apoios necessários aos alunos (muitos com sérias dificuldades econômicas) e à ampliação da pesquisa e de sua divulgação. É já recorrente a captação de cérebros brasileiros para outros países que oferecem condições eficientes de trabalho científico. Em 2022, as estatísticas do Ministério da Educação (MEC) demonstram o aumento do abandono dos cursos universitários, provocado sobretudo por essa falta de apoios. Nos cursos de letras, esse quadro é bastante grave, porque a profissão de professor é, na realidade sócio-econômica brasileira, muito desprestigiada, com baixos salários (principalmente no ensino fundamental e médio) e condições difíceis de trabalho por falta de infraestrutura adequada ou problemas de violência ou carências sociais incontornáveis para o desenvolvimento dos alunos.

Ora, voltando à publicação final da Base Nacional Comum Curricular (2017-2018), ficaram evidenciadas, no campo dos estudos literários, algumas ideias desalentadoras. Na compreensão ministerial (e professores/técnicos educacionais que montaram a Base), a literatura portuguesa não tem importância para a formação cultural brasileira e, com o passar do tempo, não sendo mais uma proposta oficial o dialogismo literário em língua portuguesa, o pouco que era ensinado poderá ser ainda mais reduzido, já que é uma literatura estrangeira, apenas uma tradição afastada no tempo para a literatura brasileira.

Atualmente, autores portugueses inegavelmente canônicos, como Camões, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, José Saramago (afinal, único Prêmio Nobel em



português) não estão presentes na grande maioria das nossas escolas, sobretudo quando falamos de escolas públicas. Como a BNCC trabalha com uma concepção muito generalista da literatura, referindo sem maior profundidade a literatura brasileira, a cultura indígena e a africana (estas duas, sem dúvida, núcleos importantes para compreensão da própria cultura nacional), certamente a literatura portuguesa perde cada vez mais espaço para ser conhecida. Se não há referência direta à sua presença e valorização para compor as literaturas de língua portuguesa, os agentes de ensino podem, sem hesitação, descartá-la de seus interesses imediatos de estudo.

Os jovens brasileiros, se não têm uma história familiar mais culta e atenta à leitura, não encontrarão na escola oportunidade de conhecer escritores portugueses em diálogo com os brasileiros e os africanos. Se nem mesmo há bibliotecas organizadas e de bom porte em grande parte das escolas públicas espalhadas pelo Brasil, se há tantos problemas sociais e econômicos na realidade cotidiana, percebe-se como é difícil a formação de leitores atentos a diversas manifestações literárias em língua portuguesa. Frente a isso, até parece inútil essa preocupação com o conhecimento da literatura feita em Portugal, afinal, um país hoje sem laços próximos, já que o brasileiro médio pertence a uma geração bem afastada de possíveis ascendentes portugueses.<sup>8</sup>

Claro que se pode dizer que, para aqueles que têm acesso a boas escolas e a livros ou cultura em geral, alguns escritores portugueses modernos são lidos e conhecidos. O exemplo mais evidente é Fernando Pessoa, pois, como já referimos, é quase considerado um poeta do Brasil. Está na boca da cantora Maria Bethânia, que o declama em seus shows, está em citações nas redes sociais, em livrarias, em novas edições. Porém, é justo considerar (e por isso repetimos a ideia) que não é apenas a literatura portuguesa que está ausente na escola e na cultura geral do brasileiro com alguma formação; os jovens, em sua grande maioria, desconhecem os escritores mais referenciais e não encontram incentivos familiares, escolares e sociais para o desenvolvimento do hábito de leitura, seu debate e reflexão.

O problema maior a enfrentar, então, é como a literatura participa hoje da formação do jovem leitor; como o professor é agente ou não do gosto da leitura literária. O fato é que os jovens estudantes, quando se direcionam aos cursos universitários de letras, chegam com poucas referências literárias, diminuta experiência de leitura estética e menos maturidade de reflexão crítica em termos de linguagem. Não leram nem as obras mais citadas, para que pudéssemos dizer que, pelo menos, há um cânone literário brasileiro estudado no ensino médio.

No caso da literatura escrita por portugueses, já não é a primeira vez que há o propósito de silenciar seus estudos em prol de um pretenso fortalecimento do conhecimento literário brasileiro. No passado (anos 80 do século XX), o eminente professor Afrânio Coutinho (1911-2000) defendeu uma proposta nesse sentido – excluir a disciplina de literatura portuguesa do currículo mínimo e obrigatório dos cursos de graduação em letras – o que causou então bastante discussão.<sup>9</sup> Parecia que, para a valorização da literatura brasileira, era necessário negar a outra literatura, a estrangeira, como se essa fosse um anacronismo colonial. Mas, na época, também houve imediata manifestação contrária a essa perspectiva e o projeto não prosperou.

Hoje, a argumentação é outra.<sup>10</sup> Deseja-se fortalecer a presença da cultura indígena e da cultura africana, resgatar uma dívida do brasileiro com essas raízes de formação, com sua “identidade” ou suas relações sociais marcadas, principalmente, pela negritude. Nesse sentido, a literatura portuguesa parece não ser necessária, parece ser realmente “estrangeira.” Por isso, cientes dessas demandas, os professores dessa literatura nas universidades brasileiras estão atentos e continuam a trabalhar em prol da multiculturalidade. Não se trata de defender a literatura portuguesa em detrimento de outras, mas de defender a pluralidade literária, a compreensão de como é enriquecedor estudar as culturas de língua portuguesa, seja nas suas realidades sociais, seja nas suas práticas linguísticas e literárias.

É inegável que temos um patrimônio em comum: a língua portuguesa. Cada literatura feita nessa língua é também um rico acervo partilhado por diferentes povos. A rasura total da literatura portuguesa (uma impossibilidade, na verdade) seria a perda de uma das faces da cultura de língua portuguesa, tornando-nos mais pobres, mais lacunares, menos diversos. E, quer se queira, quer não, será impossível estudar a cultura brasileira de 1500 ao presente, sem aqui e ali esbarrar em autores portugueses e questões literárias que circulavam da Europa à América. O Modernismo brasileiro (1922 e prolongamentos) apontou um corte e apresentou outro modo de pensar a cultura própria, mas, mesmo assim, os diálogos existiram, já que os escritores e poetas de um país são também, antes de tudo, leitores de outros escritores e poetas estrangeiros, convergindo ou divergindo no constante confronto com a tradição.

Por outro lado, a questão deve ser examinada em relação a certa inabilidade dos órgãos de cultura portugueses no Brasil. O país latino-americano é um grande mercado consumidor de tudo. Se existissem há muito políticas mais fortes e sistemáticas sobre a presença da literatura/cultura portuguesa no Brasil, com leitores especiais, acordo de isenção de impostos de livros importados, maior

circulação de escritores e obras, ações mais amplas e frequentes de um Instituto Camões em nossas universidades e ensino médio e centros de cultura, por exemplo, talvez hoje tivéssemos um quadro sedimentado da presença dos escritores portugueses e determinadas divergências culturais nem teriam razão de ser.

Porém, o que se vê no século XX e agora no XXI, a impressão que se tem, é que os planos de divulgação cultural portuguesa foram destinados bem mais à Europa, à América do Norte, à Ásia e a alguns países africanos, apartando o Brasil como se fosse já um fato garantido, uma realidade obrigatória, o reconhecimento da cultura/literatura portuguesa entre nós.<sup>11</sup> Pensamos que essa “indiferença” foi um equívoco ou uma desatenção cultural grave que aprofundou fossos entre os dois países, ainda que se fale de “países irmãos” e outros chavões de amizade mútua. Foi pena Portugal, por seus muitos motivos, ter virado, de certa forma, as costas culturais ao nosso país; ao mesmo tempo, o Brasil das classes mais abastadas, muito ensimesmado em si, mais direcionado à cultura *pop* americana, não se importou nada com isso. Desse posicionamento de ambos os lados, só poderia decorrer o silenciamento, o apagamento e a distância.<sup>12</sup>

Uma ação política positiva brasileira, ao tempo dos mandatos dos Presidentes Lula da Silva e Dilma Rousseff, foi instituir programas de formação acadêmica no exterior como o de dupla licenciatura, ou *Ciência sem Fronteiras*,<sup>13</sup> levando jovens estudantes brasileiros para as universidades portuguesas, para além de outros países nos diferentes continentes. Em relação a Portugal, isso fez muito mais para o estreitamento de relações do que os discursos protocolares, pois os estudantes passaram a conviver com outra realidade, percebendo seus pontos positivos e negativos. Ao mesmo tempo, essa presença brasileira nas universidades portuguesas tornou mais visíveis nossas universidades, nossas pesquisas e demonstrou a importância do diálogo e das redes de conhecimento para o crescimento mútuo no campo das culturas de língua portuguesa. Mas tudo isso depende de verbas constantes, de projetos articulados de governos e de continuidade, condições que, atualmente, não temos, com profunda crise de gestão e significativo desinteresse pela educação em todos os níveis.<sup>14</sup>

## **2. Da Presença da Literatura Portuguesa no Brasil e da Literatura Brasileira em Portugal**

Há alguns anos, um jornalista do jornal Público, Luís Miguel Queirós, ao indagar sobre a situação da literatura portuguesa no Brasil, comentou conosco, por e-mail, o seguinte:<sup>15</sup>

Sem grandes dados objectivos, e de modo mais ou menos intuitivo, parece-me que a literatura contemporânea portuguesa é hoje pouco conhecida no Brasil, e que isto provavelmente ainda é mais verdadeiro em sentido contrário. Num e noutro caso, exceptuam-se alguns autores, e algumas vezes, parece-me, por critérios mais comerciais do que estéticos. Na geração dos meus pais, qualquer família da pequena e média burguesia com hábitos de leitura teria nas suas estantes Bandeira e Drummond, Graciliano Ramos e Jorge Amado, e ainda alguns outros, como João Cabral de Melo Neto ou Êrico Veríssimo. Hoje, em termos de popularidade em Portugal, não parece haver sucessores para estes nomes. Acha que este relativo desconhecimento mútuo pode ser eficazmente combatido ou atenuado por via escolar?

A essa pergunta respondemos que o que dizia era muito pertinente. Contudo, nas universidades e em seus cursos de letras, quando há grupos fortes de literatura portuguesa, esse conhecimento contemporâneo existe. Basta ver a produção contínua de dissertações e teses brasileiras sobre a literatura portuguesa. Muitos autores relativamente recentes são estudados no mestrado e no doutorado, alguns pesquisadores brasileiros são reconhecidos como leitores especiais de autores portugueses. Aliás, a literatura moderna e contemporânea portuguesa, seja na ficção, seja na poesia, é bastante estudada no Brasil e encontram-se aí alguns dos seus melhores leitores, para além da continuidade dos estudos dos clássicos (sobretudo Camões) e dos oitocentistas (Garrett, Herculano, António Nobre, Antero de Quental e Cesário Verde). A produção pós anos 80 do século XX desperta grande interesse e o ensino universitário tem se voltado muito para a discussão do decolonial, da escrita por mão de mulher, do homoerotismo e outras questões teóricas como a intertextualidade, o hibridismo de gêneros, o diálogo entre artes e as subjetividades contemporâneas. Em relação à poesia, sempre com menos estudos e pesquisadores, há poetas muito abordados, para além de Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, como Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Maria Teresa Horta, Al Berto, Adília Lopes, mas há igualmente, em especial no Rio de Janeiro e São Paulo, o acompanhamento de outros nomes que se firmaram a partir dos anos 90, provocando estudos diversificados.

Porém, fora da universidade e com a exceção de pessoas com interesses literários, o desconhecimento é, de fato, enorme.<sup>16</sup> Nas Feiras de Livro, encontros midiáticos, alguns holofotes destacam escritores convidados, por vezes,

portugueses. Passam pela famosa Feira Literária de Parati (Rio de Janeiro) ou por outras cidades, causam algum movimento, mas depois se calam na memória coletiva. O desconhecimento só pode ser combatido com ações inclusivas, com atividades contínuas, com apoios constantes e políticas concretas sobre a circulação de obras.

A literatura contemporânea portuguesa é parcialmente ignorada no Brasil, assim como a literatura contemporânea brasileira é francamente desconhecida em Portugal. Ferreira Gullar (1930-2016), por exemplo, um artista múltiplo, tão importante na cultura brasileira moderna e contemporânea, Prêmio Camões em 2010, havia recebido uma primeira edição portuguesa (editora Quasi) de sua obra poética em 2005. Se considerarmos que sua obra se iniciou nos anos 50 do século XX, há um longo intervalo até chegar aos leitores portugueses e, mesmo assim, somente a poesia, não seus ensaios sobre crítica de arte. Outros escritores brasileiros contemporâneos igualmente demoraram a ser editados em Portugal. E, se nos anos 30 a 60, houve muita presença da literatura brasileira em Portugal, lembremos Cecília Meireles, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, além de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, dos anos 70 em diante essa presença foi sendo diluída. Atualmente, com a comunicação eletrônica, encurtando distâncias, e parcerias editoriais, há mais movimento de circulação de escritores brasileiros em Portugal, mas sem ser determinante em termos de leitores conquistados. As revistas literárias portuguesas, especialmente de poesia, também publicam alguns poetas brasileiros contemporâneos, mas a poesia sempre conta com menos leitores.

Em relação ao ensino da literatura brasileira nos cursos de letras portuguesas, não temos dados suficientes para um panorama exato, mas, de forma geral, há diferenças apreciáveis em relação ao que é feito no Brasil para a literatura portuguesa. Nos cursos de letras, em Portugal, há outra dinâmica curricular e não há a obrigatoriedade do estudo da literatura brasileira. Sem dúvida, alguns professores portugueses se destacam nesse campo, como os nomes de Arnaldo Saraiva e Francisco Topa (Universidade do Porto), Abel Barros Baptista e Clara Rowland (Universidade Nova de Lisboa), Carlos Mendes de Sousa (Universidade do Minho), Joana Matos Frias (Universidade de Lisboa), e Osvaldo Silvestre (Universidade de Coimbra). Há alguns anos, Osvaldo Silvestre passou a dirigir o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e vem realizando um trabalho muito ativo, inclusive com convênios com universidades brasileiras, para estudos e compreensão da cultura brasileira.

Antes dele, estava na direção do IEB a professora Maria Aparecida Ribeiro,<sup>17</sup> brasileira radicada em Portugal desde os anos 80, a qual, embora aposentada, continua com estudos sobre escritores brasileiros oitocentistas e modernos e sua recepção em Portugal. Também não podemos deixar de citar Vânia Chaves (Universidade de Lisboa) e Cristina Santos (Universidade de Évora). É de assinalar também que, em 2015, foi criada a “Rede de Professores de Literatura Brasileira em Portugal,”<sup>18</sup> com objetivos interessantes, mas ainda com pouca visibilidade.

Em relação aos autores abordados, pelas comunicações, publicações e listagem de leituras, observamos que os autores brasileiros mais recentes são pouco enfrentados, dominando, como era de prever, autores consagrados como Machado de Assis, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Rubem Fonseca, Luís Fernando Veríssimo, Chico Buarque, Raduan Nassar, Milton Hatoum. Na poesia, Bandeira, Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes, sempre referidos. Poetas como Ana Cristina César, Hilda Hilst e Paulo Leminski também são abordados. Dos mais recentes, dependerá das relações de amizade, de edições portuguesas (autorais ou antologias), das parcerias acadêmicas. Eucanaã Ferraz é um poeta com certo reconhecimento em Portugal, assim como Marília Garcia, Ricardo Domeneck, Carlito Azevedo, Marcos Siscar e Heitor Ferraz Mello são conhecidos por aqueles que acompanham os lançamentos e as revistas de poesia que se vão publicando em Portugal e no Brasil.<sup>19</sup> Para isso, contribui muito a internet, encurtando distâncias. Enfim, ainda é uma circulação muito rarefeita e dependente de determinadas condições de edição e de divulgação.

No ensino liceal português, sabemos que há a indicação de alguns escritores brasileiros no âmbito do Plano Nacional de Leitura (PNL) para cada semestre ou ano letivo. Podemos exemplificar, por exemplo, com autores modernos consagrados como Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector, mas ainda é um quadro pouco diversificado. Também o jornalismo cultural exerce um papel importante na divulgação de literaturas e seus escritores, tanto em Portugal, quanto no Brasil, mas o jornalismo literário brasileiro de grande impacto, como no passado, com suplementos literários importantes do *Jornal Estado de Minas*, do *Jornal do Brasil*, acabou. Hoje dominam os jornais e revistas literárias eletrônicas que vão possibilitando um conhecimento mais diversificado, ainda que mais superficial.

O conhecimento sobre escritores do Brasil contemporâneo, no espaço português atual, também tem aumentado um pouco por causa do trabalho de editoras e pela visibilidade que as redes eletrônicas permitem. Aliás, um saldo positivo

do tempo pandêmico foi o aumento de atividades acadêmicas *online*, possibilitando maior visibilidade do que se faz de um lado e do outro, além de maior troca de estudos e diálogos mais ativos e recorrentes entre docentes e pesquisadores. Além disso, há que se considerar a existência de blogs, páginas, programas diversos com foco em poesia, ficção e teatro, além de prêmios importantes como *Oceanos*, *Camões* e as feiras literárias consagradas de um lado e de outro, o que vem dessa forma abrindo um campo mais alargado de interesse literário. Ou seja, há muitos fatores a influenciar os diálogos luso-brasileiros, e são tão variáveis quanto diversificados são os modos de contato, os interesses mútuos, as relações pessoais. A realidade editorial é uma; a realidade de ensino é outra. Há que se ter cautela nos panoramas generalistas, reconhecendo sua parcialidade ou recortes inevitáveis.<sup>20</sup>

Portanto, a possível cegueira existente dos dois lados começa a ser um mal de poucos. A cura reside exatamente em estabelecer operações fortes de abertura de canais de comunicação e de circulação de obras e autores. Além disso, o trabalho dos cursos de Letras em prol dessas literaturas (em cada país) tem que ser apoiado, incentivado e fortalecido. Ao se formar um profissional de letras conhecedor das literaturas de língua portuguesa, ele se torna um agente de culturas multifacetadas, abrindo aos leitores outros horizontes de pensamento e de afetos.

### **3. Das Ideias à Prática: Formação de Leitores Brasileiros de Escritores Portugueses**

O contexto brasileiro para o ensino de literatura portuguesa, como procuramos demonstrar, é ao mesmo tempo restrito, se pensarmos na circulação de obras entre os leitores comuns, e resistentemente receptivo, se considerarmos o trabalho de investigação realizado nas muitas faculdades ou institutos de letras existentes em todo o país, com a execução de diversas atividades em prol da divulgação dos estudos literários portugueses. Só na pós-graduação brasileira existem atualmente 157 Programas e a maior parte deles (123) apresentam linhas de pesquisa em estudos literários.<sup>21</sup> Entre estes, sempre há alguma linha de pesquisa que acolhe estudos de obras de escritores portugueses, mas é no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais que se concentra a maior produção desses estudos, com jovens pesquisadores (mestres e doutores) sendo formados ano após ano. Isso garante que a literatura portuguesa esteja presente nos cursos de letras, que atividades de divulgação sejam feitas, como colóquios, seminários, cursos, encontros, etc., além da publicação de livros ensaísticos, capítulos,

artigos em periódicos acadêmicos e em revistas literárias diversas. Uma tendência forte dos estudos literários contemporâneos, no Brasil, é o comparatismo e ainda há muito o que fazer em relação aos estudos comparados entre as literaturas de língua portuguesa. De maneira similar, é necessário que, em Portugal, a literatura brasileira ganhe maior presença nos diferentes níveis de ensino e que se crie efetiva reciprocidade.<sup>22</sup>

Se, nas universidades brasileiras, os estudos portugueses vão se renovando com jovens estudantes de pós-graduação, é necessário ainda enfatizar a importância de outras instituições que se dedicam com afinco à cultura portuguesa, abrindo seus espaços e acervos para todos os que se interessam por Portugal, não apenas universitários de letras. Entre elas, é de justiça destacar o trabalho realizado no âmbito do Real Gabinete Português de Leitura (RGPL), uma biblioteca internacionalmente reconhecida, sediada no Rio de Janeiro, com uma história que remonta ao século XIX<sup>23</sup> e que mantém um Centro de Estudos<sup>24</sup> em biblioteca, certamente o mais antigo e ativo no Brasil.

Atualmente, o RGPL é dirigido por Gilda Santos, professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, responsável pela criação nesse Centro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB). Constituído em 2001, a princípio com o título de Polo de Pesquisa das Relações Luso-Brasileiras,<sup>25</sup> seu foco é tornar mais visíveis a cultura e a literatura portuguesa em diálogo permanente com o Brasil, em diversos aspectos. Para isso, o PPLB, ao agregar professores de diversas Universidades brasileiras, com as quais mantém parcerias acadêmicas, atua na oferta de cursos de extensão, seminários, colóquios, encontros, ciclo de palestras e outras atividades de pesquisa e de divulgação cultural. No período pandêmico, não parou suas atividades, inaugurando o canal oficial do Real Gabinete Português de Leitura no YouTube,<sup>26</sup> o que ampliou seu raio de ação.

Muitos já foram e são os projetos acadêmicos desenvolvidos pelo PPLB, como, por exemplo, a digitalização de 30 mil páginas de periódicos luso-brasileiros existentes no acervo do RGPL,<sup>27</sup> o que passou a representar um material precioso e de acesso livre para os investigadores de diferentes áreas. Desde 2018, executa, sob nossa coordenação específica, *Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento*,<sup>28</sup> o qual pretende aproximar as literaturas de língua portuguesa entre si e dos seus leitores no mundo. O título do projeto refere o movimento das páginas de um livro por um leitor que busca saber, de forma inicial, o conteúdo da obra que manuseia. Foi criado, como pode ser visto online, um site que recebe o que denominamos de “páginas paisagens em movimento,” ou seja,



obras diversas portuguesas e brasileiras são apresentadas ao leitor virtual por meio de abordagens de aspectos paisagísticos do texto, suas implicações e questões, a partir de um ponto de vista inicialmente geocrítico, mas cada colaborador elabora sua página com a abordagem teórico-metodológica que considerar pertinente à obra tratada. A condição é que a obra seja literária e que os lugares aí citados sejam referenciados.

Há nesse projeto explicitamente uma intenção extensiva: extrapolar o espaço teórico universitário para estabelecer um espaço virtual de contato com um público leitor mais extenso e diversificado, principalmente o brasileiro. Esse público, por meio de textos atrativos pelo conteúdo e pela imagem, poderá ativar sua atenção livremente para obras diversas das literaturas de língua portuguesa que dialogam no espaço do site. Deseja-se atrair o leitor pela percepção mais geográfica do literário, o que pode permitir a consideração de aspectos de reconhecimento, estranhamento, alteridade e semelhança entre essas literaturas. Há ainda outro objetivo muito importante: essas “páginas” podem contribuir diretamente para os estudos literários portugueses e brasileiros no espaço escolar em diferentes níveis, com incentivo a práticas diversas de leitura. A base tem caráter interdisciplinar, com hiperlinks que levam os leitores a deslocar-se do texto para outros saberes (históricos, sociais, políticos, filosóficos, etc.), permitindo que os professores articulem atividades dialogantes com as demandas dos alunos. Além disso, essa relação paisagística permite o deslocamento de pontos de vista que movem diferentes textualidades literárias. Valorizam-se os pares palavra e imagem, ficção e experiência dos espaços, processos paisagísticos de escrita e de leitura. O projeto é divulgado em escolas do ensino básico e médio, para além do espaço universitário, pois se trata de fortalecer a experiência mais plural do literário. Os diversos pontos de vista no tratamento de cada obra abordam temas que estão na pauta de todas as discussões atuais como conservação de patrimônio cultural, preservação ambiental, urbanismo equilibrado e requalificado, turismo cultural e memória e identidade cultural dos lugares.

O trabalho realizado no site é complementado por publicações ensaísticas (série de livros)<sup>29</sup> em que pesquisadores de diferentes instituições apresentam seus estudos de abordagem teórica livre sobre paisagem ou geografia literária ou geopoética ou geocrítica, voltados para obras literárias brasileiras e portuguesas de diferentes épocas. O material publicado no site e nos livros estabelece um campo de leitura comparatista a partir desse fio teórico da paisagem. O importante, portanto, é a pluralidade de olhares sobre o mundo que as obras literárias

podem permitir a partir da ideia de que a literatura é, a seu modo, uma outra geografia, um pensamento-paisagem que nos faz compreender melhor o mundo que vemos, pisamos e habitamos.

Consideramos igualmente relevante para contribuir com o ensino de literatura portuguesa no Brasil mais um projeto online do PPLB. Trata-se de programas veiculados no canal YouTube oficial do Real Gabinete Português de Leitura, uma vez por semana, sob o título de *Prosa e Verso no Real*.<sup>30</sup> Leitores especializados brasileiros ou estrangeiros são convidados a uma conversa informal, de cerca de duas horas, com participação ao vivo de ouvintes que podem perguntar e fazer comentários no chat, para que cada um fale de sua relação de leitura com um autor ou autora português/a. O convidado é absolutamente livre para escolher o escritor ou a escritora e sua obra, sem preocupação de cronologia ou gênero. O foco do programa é o jovem estudante, dar a possibilidade de conhecer escritores portugueses que ele não verá em aulas ou de ficar a saber mais sobre outros mais referidos ou lidos no Brasil. Todos os programas ficam gravados no canal do RGPL e podem ser vistos em qualquer momento.

Note-se que esses projetos só podem ser desenvolvidos em parcerias com as universidades, já que todo o trabalho é gracioso em prol da divulgação da cultura e da literatura portuguesa no contexto brasileiro. A recepção tem sido muito positiva e o PPLB continua a projetar novas atividades ao longo de cada ano, como cursos de extensão, seminários temáticos, exposições e o encontro anual intitulado Diálogos de Poesia em Língua Portuguesa, que já vai para sua 17ª edição. Sem dúvida, nas duas últimas décadas, o RGPL transformou seu perfil de biblioteca e vem contribuindo muito ativamente para o conhecimento maior e mais diversificado da literatura portuguesa no Brasil.

Ao falar de parcerias com universidades, devemos registrar aqui as atividades organizadas pelo Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (NEPA UFF), que há mais de vinte anos vem desenvolvendo, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, inúmeras ações sobre essas literaturas, responsável ainda pela publicação da revista *Abril NEPA UFF*, dedicada à literatura portuguesa e a literaturas africanas em português, cujos números começaram a ser publicados em 2008 e estão acessíveis para leitura livre.<sup>31</sup> Na UFRJ, existe a Cátedra Jorge de Sena, reunindo as literaturas de língua portuguesa, também com muitas atividades e uma revista, *Metamorfoses*, com acesso *on line*.<sup>32</sup> Além disso, a professora Gilda Santos criou o site *Ler Jorge de Sena*,<sup>33</sup> reunindo imenso material sobre esse incontornável escritor português, repartido por três espaços:

Portugal, Brasil e Estados Unidos. Igualmente criamos, em 2021, em homenagem ao centenário do escritor Carlos de Oliveira, português, mas nascido no Brasil, em Belém do Pará, o site *Carlos de Oliveira Escritor*, com acesso livre.<sup>34</sup> Em outras universidades brasileiras, algumas outras cátedras foram criadas (com algum apoio do Instituto Camões ou da Fundação Calouste Gulbenkian) e são responsáveis pela organização de diferentes atividades de ensino e extensão, além de fomentarem publicações literárias e acadêmicas.

Para além das universidades públicas sediadas no estado do Rio de Janeiro, com forte atuação em estudos portugueses, como a UFRJ, a UFF e a UERJ, encontramos em outras universidades brasileiras, em seus cursos de letras, setores de literatura portuguesa que organizam eventos e publicações de muito boa circulação. Destacamos a USP e a UFMG. Sem dúvida, o desenvolvimento das redes eletrônicas contribuiu muito para facilitar acesso a materiais distantes, para conhecer escritores e seus textos, permitindo trocas de conhecimento e a divulgação de obras, autores e atividades entre públicos diversos, unindo também centenas de professores de literatura portuguesa que tanto trabalham em prol dessa cultura no Brasil.

#### **4. Conclusão**

Todo esse trabalho de formação de leitores e de novos pesquisadores é feito por muitas mãos. Seu foco é levar a cultura e a literatura portuguesa a diferentes ouvintes, leitores, estabelecendo diálogos constantes, movimentando a compreensão das culturas de língua portuguesa. Seria de grande impacto que houvesse, na esfera governamental, um projeto cultural e de educação estética bastante estruturado, de longa duração, para promover, por exemplo, a circulação – livre de impostos de importação – das obras literárias de língua portuguesa entre os países que compõem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), o que, sem dúvida, facilitaria esse convívio cultural e ampliaria o diálogo literário.

Enquanto isso não se efetiva, e a espera já é longa, nós, professores e pesquisadores brasileiros de literatura portuguesa, vamos atuando de todos os modos possíveis, inclusive com a utilização dos meios eletrônicos tão determinantes em nossa contemporaneidade, para romper limites e superar dificuldades. Por isso, compromissados especialmente com o permanente conhecimento e ativa divulgação da literatura portuguesa no Brasil, essa “estrangeira” continuará entre nós, atraindo a atenção, sendo estimada e reconhecida como parte de todos que pensamos e sentimos o mundo em português.

## NOTAS

1. Isso corresponde ao ensino obrigatório em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O ensino fundamental com nove anos de formação, seguidos de três anos de ensino médio, preparando o jovem para entrar no mercado de trabalho. Já o ensino universitário varia de quatro a seis anos a depender do curso escolhido, com os graus de bacharelado e licenciatura. Na pós-graduação, contamos com cursos de especialização (*lato sensu*, em geral de um ano) e de *stricto sensu*, mestrado (dois anos) e doutorado (quatro anos). O ensino pode ser público e privado. As universidades públicas são federais ou estaduais. Registre-se que, em abril de 2017, o MEC entregou a versão final da BNCC ao Conselho Nacional de Educação (CNE). Este a implementou a partir de 22 de dezembro de 2017, quando a versão final foi publicada via a Resolução CNE/CP nº 2. A primeira versão do BNCC foi apresentada em 16 de setembro de 2015.

2. O documento legal pode ser lido integralmente em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf).

3. Em 2002, a professora Regina Zilberman, um nome mais do que referencial dos estudos literários no Brasil, publicou um artigo intitulado “Literatura Portuguesa no Brasil – Uma Estrangeira entre Nós?,” no qual historiciza o tratamento dado à literatura portuguesa nos estudos literários brasileiros, discutindo razões e perspectivas. Acesso em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/464>. Passados exatos 20 anos, este artigo dialoga com sua perspectiva, mostrando a continuidade de certos problemas, mas também a vitalidade dos estudos portugueses no país, mantendo essa estrangeira entre nós. Ressaltamos, porém, que este ensaio não resulta de uma pesquisa detalhada e finalizada, sendo somente uma reflexão oriunda da experiência de praticamente 40 anos de magistério de literaturas de língua portuguesa, inicialmente no ensino médio e, a partir de 1993, no ensino superior brasileiro, na área de literatura portuguesa.

4. Aos leitores não familiarizados com a geografia política brasileira, lembramos que o país é uma república federativa formada por 26 estados e o Distrito Federal (Brasília), com uma população de mais de 215 milhões de habitantes, numa extensão continental de 8.516.000 km, o maior país lusófono. Dados populacionais e outras informações podem ser consultadas no site do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ver: <https://www.ibge.gov.br/>.

5. As perguntas e respostas ocorreram em maio de 2022, por sistema eletrônico. Agradecemos a todos que participaram, de diferentes estados do Brasil, mas especialmente à professora doutora Madalena Vaz Pinto, professora adjunta de Literatura Portuguesa na Universidade do Estado Rio de Janeiro – UERJ e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que mediu a pesquisa junto a seus alunos de mestrado. Conservamos alguns traços oralizantes de respostas enviadas em tom informal. Utilizamos P1, P2, etc., para separar as respostas recebidas, considerando P = Professor.

6. Zumbi ou Zumbi dos Palmares (1655 – 20/11/1695) foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do maior dos quilombos do Brasil colonial, o Quilombo dos Palmares.

7. Visitar o site da ABRAPLIP em <https://www.abraplip.org.br/apresentacao/>.

8. Nos anos 50, 60 e 70 do século XX, a presença de portugueses era muito maior no cotidiano. Havia os emigrantes que fugiram da pobreza portuguesa dos anos pós-Segunda Guerra ou das condições políticas salazaristas então vigentes. Com a Revolução dos Cravos (1974) e a integração de Portugal ao Mercado Comum Europeu, Portugal preocupou-se muito mais com sua integração europeia e menos com as relações luso-brasileiras. Também o Brasil dos anos 70 e 80 do século XX passou por outras preocupações (fim da ditadura, eleições diretas, constituinte) e integração maior com a América do Norte e América Latina.

9. Regina Zilberman, em seu texto, faz também nota a respeito. Ver nota 1 da página 26.

10. Coincidentemente, enquanto escrevíamos este texto, Jacinto Rêgo de Almeida publicou, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Lisboa), uma crônica intitulada “A Suave Lentidão da História,” considerando os 200 anos da independência do Brasil. Na crônica, após enfatizar a importância dos estudos brasileiros sobre escritores como Camões, Fernando Pessoa e José Saramago e louvar a figura da professora emérita Cleonice Berardinelli (com 106 anos comemorados em agosto de 2022) – “uma das principais personalidades desta âncora literária, tendo formado ou influenciado numerosos professores de literatura portuguesa de universidades brasileiras” (2022, 24) –, também aponta “vozes discordantes,” como a do professor Flávio Kothe, em cujos livros *O Cânone Colonial* e *O Cânone Imperial* a crítica à literatura portuguesa é bastante dura.

11. Compare-se com a preocupação portuguesa de promover seus vinhos no Brasil, realizando exposições, encontros, que já se firmaram no calendário gastronômico do Rio de Janeiro. Em 2022, Portugal é o país convidado para a Bienal do Livro em São Paulo, mas a participação em Bienal do Livro ou Feiras Literárias não acarreta mudanças assinaláveis na situação de leitura de autores portugueses no Brasil. A demanda de edições brasileiras de autores de Portugal depende também de se conhecer mais e melhor essa outra literatura. O livro português importado custa muito caro, pela desvalorização do Real frente ao Euro. Outro ponto que causa muita polêmica ainda hoje é o Acordo Ortográfico para os países de língua portuguesa. Grande parte da intelectualidade portuguesa manifesta muita resistência a isso, fazendo questão de indicar, na assinatura de seus textos, que não adota o referido Acordo.

12. Sobre essas questões, Eduardo Lourenço (2001), em *A Nau de Ícaro*, refletiu profundamente. A essa obra, com edição brasileira publicada, remetemos o leitor interessado.

13. O referido programa foi criado em 26 de julho de 2011 pelo governo Dilma Rousseff.

14. Vencedor da eleição presidencial ocorrida em outubro de 2022, Luís Inácio Lula da Silva voltou à presidência brasileira a partir de 01 de janeiro de 2023. Com certeza, ocorrerá uma mudança positiva nessa área.

15. O jornalista preparava um artigo que veio a publicar em 06 de março de 2016, no jornal *Público* (suplemento *Ípsilon*), intitulado “Cânone Literário Lusófono: Uma Ideia que Provoca Resistências.” O artigo pode ser acessado em <https://www.publico.pt/2016/03/06/culturaipsilon/noticia/canone-literario-lusofono-uma-ideia-que-provoca-resistencias-1725343>.

16. No Ensino Médio brasileiro, não há listagens pré-fixadas de autores a serem lidos. O ensino preocupa-se com os movimentos literários e acaba destacando “representantes” para cada época de acordo com o manual escolar utilizado. O professor tem liberdade de fazer suas escolhas de acordo com seu planejamento de aulas e a realidade dos alunos. No universitário, a liberdade de escolha é ampla e os autores estudados vão desde nomes consagrados a novos autores, em relação às linhas de pesquisa a que pertencem os docentes.

17. Foi professora de literatura portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

18. Verificar site em <https://ebpor.wordpress.com/a-rede/>

19. Não temos nenhuma pretensão de mapeamento extensivo. São apenas alguns nomes mais referidos.

20. A respeito desse assunto, ler a reportagem no jornal *Público*, publicada em 3 de abril de 2015, sob autoria de Isabel Lucas, com o título “Portugal e Brasil: Orgulho e Preconceito entre as Duas Literaturas”: <https://www.publico.pt/2015/04/03/culturaipsilon/noticia/portugal-e-brasil-orgulho-e-preconceito-entre-duas-literaturas-1690391>.

21. São dados colhidos na plataforma da CAPES no primeiro semestre de 2022.

22. Há interesse, por exemplo, de criar uma Associação Portuguesa de Professores de Literatura Brasileira, que congregue, com ações ativas, docentes e jovens pesquisadores? Não sabemos. Em notícia do jornal *Público*, afirma-se que “a Câmara de Lisboa foi unânime na aprovação de uma proposta do Livre sobre a criação de um Gabinete Brasileiro de Leitura em Lisboa, à semelhança dos que existem, por exemplo, no Rio de Janeiro, Salvador ou Recife, dedicados à língua portuguesa e fundados por emigrantes portugueses” (Moreira, *Público*, 18 de julho de 2022). Esperemos que se realize.

23. “Em 14 de Maio de 1837, um grupo de 43 emigrantes portugueses do Rio de Janeiro – deve-se sublinhar que isto ocorre somente 15 anos depois da Independência do país – reuniu-se na casa do Dr. António José Coelho Lousada, na antiga rua Direita (hoje rua Primeiro de Março), n.º 20, e resolveu criar uma biblioteca para ampliar os conhecimentos de seus sócios e dar oportunidade aos portugueses residentes na então capital do Império de ilustrar o seu espírito.” Ler o texto integral da história do RGPL em <https://www.realgabinete.com.br/O-Real-Gabinete/Historia>.

24. Criado em 1969, na presidência de António Saldanha de Vasconcellos, mas tornado realidade por António Pedro Martins Rodrigues, o seu primeiro Diretor foi Antonio

Gomes da Costa e seu principal dinamizador Francisco da Gama Lima. Contou sempre, em seus quadros de colaboradores, com um conjunto de professores universitários, nas áreas de Literatura, História, Antropologia, Sociologia, Artes, etc.” [https://www.realgabinete.com.br/Centro-de-Estudos/Apresentacao\\_e\\_Historico](https://www.realgabinete.com.br/Centro-de-Estudos/Apresentacao_e_Historico).

25. Ver em <https://www.realgabinete.com.br/Centro-de-Estudos/Polo-de-Pesquisas-PPLB/Apresentacao>.

26. Ver em <https://www.youtube.com/channel/UCkeG1pXoKYeNE4p51b3hVFg>.

27. Tal projeto, apoiado pela Petrobras, intitulado *O Real em Revista*, foi levado a cabo por um conjunto de professores de diferentes universidades sediadas no estado do Rio de Janeiro, como UFRJ, UFF, UERJ, membros colaboradores do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras.

28. Ver o projeto em <http://www.paginasmovimento.com.br/>.

29. Foram publicados, em 2020 e 2021, três volumes da série *Páginas Paisagens em Movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, Cidades Literárias*, pela editora Contratempo, Rio de Janeiro. Ver nas referências ao final.

30. Ver *playlist* em [https://www.youtube.com/playlist?list=PLLtMnIkeE\\_NiNXVEHHSFzXQog8Rdxv58](https://www.youtube.com/playlist?list=PLLtMnIkeE_NiNXVEHHSFzXQog8Rdxv58).

31. O acesso é via <https://periodicos.uff.br/revistaabril/index>.

32. Ver em <https://catedrajorgedesena.letas.ufrj.br/>.

33. Ver em <http://www.lerjorgedesena.letas.ufrj.br/>.

34. Ver em <https://escritorcarlosdeoliveira.com.br/parceiros/>, até o momento (29 de julho de 2022) com 4.386 acessos.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, Jacinto Rêgo de Almeida. 2022. “A Suave Lentidão da História.” *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 1355, no. 24 (07 a 20 de setembro de 2022): 24.
- Alves, Ida, e Eduardo da Cruz. 2020. *Paisagens em Movimento: Rio de Janeiro & Lisboa, Cidades Literárias*, v.1. Rio de Janeiro: Contra Capa. Faperj.
- Alves, Ida, e Andreia A. M. Castro. 2021. *Paisagens em Movimento: Rio de Janeiro & Lisboa, Cidades Literárias*, v.2. Rio de Janeiro: Contra Capa. Faperj.
- Alves, Ida, e Eduardo da Cruz. 2021. *Paisagens em Movimento: Rio de Janeiro & Lisboa, Cidades Literárias*, v.3. Rio de Janeiro: Contra Capa. Faperj.
- Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, Brasil. 2017-2018. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf).
- Lourenço, Eduardo. 2001. *A Nau De Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moreira, Cristina Faria. 2002. “Um Gabinete Brasileiro de Leitura em Lisboa para ‘Estreitar Laços’ com a Maior Comunidade Imigrante do País.” Em *Público*, 18 de

julho de 2002. <https://www.publico.pt/2022/07/18/local/noticia/gabinete-brasileiro-leitura-lisboa-estreitar-lacos-maior-comunidade-imigrante-pais-2014080>.

Zilberman, Regina. 2002. “Literatura Portuguesa no Brasil – Uma Estrangeira Entre Nós?” *Vidya* 21, no. 37: 25-41.

IDA ALVES é Professora Titular de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura na mesma instituição. Pesquisadora do CNPq. Vice-Coordenadora do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras – PPLB, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro. Autora e organizadora de diversas obras sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea, assim como relações luso-brasileiras e estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa. Coordenou o projeto *Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento*, com apoio FAPERJ, anos 2018-2022, Bolsista Cientista do Nosso Estado. Email: idafalves@gmail.com. Orcid: 0000-0002-6892-7289.